

**UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA MEDIAÇÃO A PARTIR DAS PERSPECTIVAS
FILOSÓFICA (HEGEL), SOCIAL (MARX) E PSICOLÓGICA EDUCACIONAL (VYGOTSKY)**

***A PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS OF MEDIATION FROM PHILOSOPHICAL (HEGEL),
SOCIAL (MARX), AND EDUCATIONAL PSYCHOLOGICAL (VYGOTSKY) PERSPECTIVES***

 *Heloá Cristina Camargo de Oliveira*¹
 *Oswaldo Francisco de Almeida Júnior*²

¹ Doutora em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ (PPGCI/UNESP/Marília).

E-mail: heloaliveira.biblio@gmail.com

² Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UNESP/Marília). Professor Associado da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

E-mail: ofaj@ofaj.com.br



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, processo 2016/08053-4.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 19 maio 2023.

Aceito em: 16 jun. 2023.

Publicado em: 31 jul. 2023.

Como citar este artigo:

OLIVEIRA, Heloá Cristina Camargo de; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Uma análise fenomenológica da mediação a partir das perspectivas filosófica (Hegel), social (Marx) e psicológica educacional (Vygotsky). **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 252-276, jul. 2023. DOI: 10.36517/2525-3468.ip.v8iesp.2023.89214.252-276.

RESUMO

Os estudos e projetos de mediação da informação têm crescido na Ciência da Informação (CI), já então consolidada como prática e objeto da área. Assim, novos estudos no âmbito científico têm se desenvolvido na área em busca de caracterizar e diagnosticar aspectos de atuação e desenvolvimento da mediação na atuação de seus profissionais. Identificou-se, porém, que uma melhor identificação e delimitação dos aspectos envolvidos no conceito de mediação da informação em sua aplicação na CI poderiam contribuir para estes estudos, explorando suas possibilidades e limitações. A fenomenologia traz a possibilidade de encontrar na subjetividade exposta em realidades complexas a objetividade que não pode ser separada do fenômeno, mas que, separada dele, não deixa de ser axioma da relação estabelecida; ela caracteriza, portanto, um norte que visa explorar fenômenos sem desconsiderar uma cadeia fenomenológica que os impacta. O objetivo principal deste trabalho foi então analisar aspectos da natureza da mediação com o auxílio da fenomenologia e a partir das perspectivas filosófica (Hegel), social (Marx) e



psicológica educacional (Vygotsky). Assume-se que esses autores possibilitam a visão da mediação a partir de um patamar mais amplo - a partir da existência e relação que se estabelece com o mundo e a cultura. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi delineada a partir de uma pesquisa bibliográfica e com apoio e orientações do método Análise Textual Discursiva para análise dos dados. Como resultado, identificou-se que, a partir das concepções estudadas, a atividade de mediar se ancora na busca do impacto no desenvolvimento humano, no âmbito imaterial da consciência e do processo cognitivo humano - carrega características de transformação, evolução e/ou superação, ressaltando a importância de espaços sociais, apropriação, e impactos recíprocos ou reflexivos materiais da mediação.

Palavras-chave: mediação; mediação da informação; fenomenologia.

ABSTRACT

Mediation of Information studies and projects have grown in Information Science (IS), already consolidated as a practice and object of the area. Thus, new studies in the scientific field have been developed in the area in an attempt to characterize and diagnose aspects of action and development of mediation in the performance of its professionals. It was identified, however, that a better identification and delimitation of the aspects involved in the concept of information

mediation in its application in IC could contribute to these studies, exploring its possibilities and limitations. Phenomenology brings the possibility of finding in the subjectivity exposed in complex realities the objectivity that cannot be separated from the phenomenon, but which, separated from it, does not cease to be an axiom of the established relationship; it characterizes, therefore, a north that aims to explore phenomena without disregarding a phenomenological chain that impacts them. The main objective of this work was then to analyze aspects of the nature of mediation with the help of phenomenology and from the philosophical (Hegel), social (Marx), and educational psychological (Vygotsky) perspectives. It is assumed that these authors allow the vision of mediation from a broader level - from the existence and relationship established with the world and culture. The research, of a qualitative nature, was outlined from bibliographical research and with support and guidelines of the Discursive Textual Analysis method for data analysis. As a result, it was identified that, from the concepts studied, the activity of mediating is anchored in the search for impact on human development, in the immaterial scope of consciousness and the human cognitive process - it carries characteristics of transformation, evolution and/or overcoming, emphasizing the importance of social spaces, appropriation, and material reciprocal or reflective impacts of mediation.

Keywords: mediation; mediation of information; phenomenology.

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação tem se preocupado com sua atuação enquanto mediadora da informação. Assim, novos estudos no âmbito científico têm se desenvolvido na área em busca de caracterizar e diagnosticar aspectos de atuação e desenvolvimento da mediação na atuação de seus profissionais. As discussões que abarcam o uso do termo mediação e sua aplicabilidade crescem e vislumbram-se conquistas no que tange à clarificação destas discussões.

Identificou-se, porém, que uma melhor identificação e delimitação dos aspectos envolvidos no conceito de mediação da informação em sua aplicação na Ciência da Informação poderiam contribuir para estes estudos, explorando suas possibilidades e limitações de envolvimento dos profissionais da área.

Optou-se pelo uso da fenomenologia por sua possibilidade de encontrar na subjetividade exposta em realidades complexas a objetividade que não pode ser separada do fenômeno, mas que, separada dele, não deixa de ser axioma da relação estabelecida – caracteriza-se, portanto, como um norte que visa explorar fenômenos sem desconsiderar uma cadeia fenomenológica que o impacta.

Quando se propõem diferentes abordagens de mediação, como a mediação da leitura do mundo por exemplo, esbarra-se nos limites da mediação na atuação profissional. Neste ponto surge a perspectiva de se voltar para uma visão da natureza da mediação. O objetivo deste trabalho foi explorar os conceitos de Hegel, retirados da dialética (BRAGA, 2004), Marx, voltado para o materialismo histórico (SILVA; SILVA; MARTINS, 2005) e Vygotsky, com abordagens semiótica e psicológica (MARTINS; MOSER, 2012), que trazem perspectivas filosóficas em que o Ser apresenta relações mais complexas com o ato de mediar, no sentido de que esses autores levarão a mediação a um patamar mais amplo, a partir da existência e relação que se estabelece com o mundo e a cultura. O que se busca é entender em qual local existencial e em qual essência se situa a mediação nos diferentes aspectos trabalhados pelos autores.

Assim, este trabalho foi desenvolvido com base nos questionamentos: Qual a real natureza da mediação? Existe apenas uma natureza? Se buscou um “ponto de vista” gnosiológico da mediação, no intuito de entender sua abrangência e limites.

O Objetivo Geral deste trabalho foi analisar aspectos da natureza da mediação com o auxílio da fenomenologia e a partir das perspectivas filosófica (Hegel), social (Marx) e psicológica educacional (Vygotsky).

Esse esclarecimento se torna vital pois, a partir dele, é possível ressaltar os pontos desenvolvidos na atuação profissional do ato “intuitivo” de mediar. Neste trabalho o termo “intuitivo” foi utilizado com a intenção de mencionar a mediação utilizada superficialmente, ou seja, sem um desenvolvimento mais elaborado. Ao entender esse possível impacto profissional, pode-se buscar na mediação a resposta para seu desenvolvimento enquanto impulsionador social, constituindo uma ferramenta fortemente influenciadora para a atuação de profissionais da Ciência da Informação.

2 FENOMENOLOGIA

Ao assumir a importância do envolvimento social e cultural no desenvolvimento da mediação, há de se trazer a *percepção* para nortear novos questionamentos, há de se apoiar o estudo em *fenômenos*.

A palavra ‘fenômeno’, do grego *phainómenon*, significa “aquilo que aparece”, e se deriva do verbo grego *phainomenai*: “eu apareço”. Apesar dessa relação com “o que aparece”, com o “brilho”, para a fenomenologia seu conceito tem como âmago o *aparecer*, o próprio fenômeno da consciência, o *fenômeno subjetivo* e compreende, de maneira simultânea, “[...] tanto o *aparecer* quanto *aquilo que aparece*: a relação indissociável entre o *sujeito* e o *mundo*, a *consciência* e seus *objetos*.” Resumidamente, o que na maioria das vezes não se mostra seria então o único “fenômeno” que interessaria, e para identificá-lo é necessário o “retorno à consciência”, não estabelecida por Husserl de maneira abstrata e ingênua, mas usada para explicitar a investigação do próprio acontecimento da consciência. (GALEFFI, 2000, p. 25).

O termo fenomenologia se constrói originalmente de duas palavras gregas: “Fenômeno”, já comentado, e “Logia” que, derivada da palavra *logos*, tinha muitos significados, entre eles *palavra* e *pensamento*. Coltro esclarece que a fenomenologia “tem como objeto de investigação o fenômeno, ou seja, o que se mostra a si e em si mesmo tal como é.” (2000, p. 39).

Muitos autores trabalharam com diferentes abordagens para o conceito de fenomenologia, mas, conforme Zlatev destaca, assim como Husserl “pediu para ‘voltar para as coisas em si’, é necessário ‘voltar para Husserl’ para entender verdadeiramente o que a fenomenologia é sobre”. (ZLATEV, sem paginação, 2009, tradução nossa).

Husserl traz a fenomenologia dentro de um contexto controverso entre os estudos do conhecimento, numa contraposição de significados e possibilidades de estudo dentro da perspectiva do próprio conhecimento – isto é, a problemática sobre a possibilidade de o conhecimento fazer contato com seu objeto, trazendo à tona as deficiências do *pensamento positivista*, as ineficiências das *abordagens metafísicas* e as incertezas da *dúvida cartesiana*. São as complexidades implicadas aos estudos da percepção, onde o objeto percebido deve ser dado imediatamente – ali está a coisa antes de nossos olhos as perceberem. Eu vejo isso; eu entendo isso. Mas se a percepção nada mais é do que uma experiência que me pertence, do sujeito que percebe – qual a objetividade contida na análise do objeto? (HUSSERL, 1999).

Numa proposta de retorno às “coisas mesmas”, haveria uma superação do discurso metafísico que é considerado especulativo, assim como do raciocínio das ciências positivistas, colocando as pesquisas no “mesmo plano da realidade”. Seria o encontro de uma “via média” em como pensar a natureza e suas nuances, numa nova rigorosidade filosófica que se liberta das antigas tradições e se atenta apenas à realidade em uma perspectiva gnosiológica. (DARTIGUES, 2003).

Assim, ideia da fenomenologia de Husserl nasce na problemática das ciências empíricas, que se referem ao mundo como dado, ao mesmo tempo em que são, elas próprias, elementos do mundo avaliado. Ela, então, não se adequa a nenhuma classificação filosófica já que as antecede, não necessariamente no conceito temporal habitual, mas no de questionamento e avaliação, “acabando” onde todas as demais começam, por sua expressa recusa em aceitar acriticamente muitos pontos de partida por muito tempo inquestionáveis na avaliação filosófica, como por exemplo percepções e fatos biológicos, sociais e ambientais. (SCHUTZ, 1970).

Husserl nos apresenta a fenomenologia como a “doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento”. (HUSSERL, 2008, p. 22). Nessa doutrina, o questionamento é apresentado como uma importante base, e amplia-se com base na perspectiva de busca do reconhecimento e entendimento dessas essências. Esclarecendo que o que se busca encontrar por essência é “[...] estabelecer um horizonte dentro do qual o objeto pode variar sem perder sua identidade [...]” (GALLAGHER, 2012, p. 308).

Ao promover um então isolamento de fenômenos específicos sem desconsiderar a cadeia fenomenológica a que o objeto de estudo se encontra imerso, é possível “questionar e discutir os pressupostos tidos como naturais, óbvios, da intencionalidade do sujeito frente à realidade de sua ação.” (COLTRO, 2000, p. 39). Os questionamentos são cruciais para a abordagem fenomenológica, considerada como “a ciência da dúvida”, que busca uma verdade não reduzida ao “material”. (DÍAZ, 1973).

Husserl também salienta que o questionar um conhecimento não deve ser visto como uma dificuldade pois, para ele, “O conhecimento não se nega nem se declara em todo o sentido como algo de duvidosos pelo facto de « pôr em questão »”. (HUSSERL, 2008, p. 22). Ou seja, o abrir questionamento sobre um fenômeno não expõe fragilidade, mas sim a busca consciente e comprometida dessa natureza essencial do estudo.

Ainda, segundo Oliveira e Cunha (2008), no processo de descrição a busca de uma visão fenomenológica está imbricada em procedimentos que não sejam “mecânicos”, mas que envolvam o pesquisador como um “encontro social”. Seria o trilhar de um caminho de não cair em procedimentos mecânicos, isso é importante pois “para a fenomenologia nada é objetivo, antes de ter sido subjetivo, ou seja, é a subjetividade que permite alcançar graus de objetividade” (OLIVEIRA; CUNHA, 2008, sem paginação).

Ao trabalhar-se com a perspectiva fenomenológica buscou-se o entendimento da essência do que é o objeto que se busca compreender e suas diferentes expressões em realidades contextuais desse objeto com o meio social estudado, na busca de então poder prever manifestações e limitações desse objeto. No caso dessa pesquisa, especificamente, possibilitou o entendimento dos fatores envolvidos no processo de mediação, suas possíveis variações e assim, abrangências e limitações a partir de uma perspectiva fenomenológica.

3 MEDIAÇÃO

Dentro da perspectiva de se voltar para uma visão da natureza da mediação, neste trabalho foram explorados os conceitos de Hegel, tomado à dialética (BRAGA, 2004), Marx, voltado ao materialismo histórico (SILVA; SILVA; MARTINS, 2005) e Vygotsky, com abordagens semióticas e psicológicas (MARTINS; MOSER, 2012), que trazem abordagens filosóficas nas quais o Ser apresenta relações mais complexas ao ato de mediar, no sentido de que esses autores levaram a mediação a um patamar mais amplo, partindo da existência e relacionamento estabelecido com o mundo e a cultura.

Hegel, em discussões que culminaram em desenvolvimentos teóricos que desembocam no que são considerados estudos do imaginário e pós-modernismo crítico, apresenta em sua obra *A Fenomenologia do Espírito* ([1807]) discussões e exposições que buscam problematizar e clarificar aspectos da ciência do Ser, passando por aspectos da existência da verdade, do conhecimento, da composição do absoluto, da negatividade, e, entre outros, de como a mediação é vista e usada nesse contexto.

A mediação poderia ser vista, dentro do viés filosófico apresentado por Hegel, como uma mediação de e para si mesmo, na medida em que se busca um desenvolvimento e/ou adequação de si mesmo frente a universalidade e sua significação em um tempo social específico. (HEGEL, [1807]).

Ele usa o conceito também para explorar as concepções do elemento espiritual para a igreja cristã. Em sua obra *Philosophy of History* (2001), Hegel traz o “princípio da mediação” como a “essência do princípio cristão”. Ele explora como o conceito da hóstia que foi tida como objeto de adoração e, posteriormente, questionada durante a reforma Luterana, e ainda assim considerada com valor e de caráter espiritual. As concepções da igreja passariam por outras adaptações da mediação. (HEGEL, 2001).

Já Marx traz a mediação na esfera do trabalho e produção, onde:

O trabalho enquanto produtor de valores-de-uso, enquanto trabalho útil, é, independentemente das formas de sociedade, condição da existência do homem, uma necessidade eterna, o mediador da circulação material entre a natureza e o homem [isto é, da vida humana]. (MARX, 1867, p. 5)

Nos processos explorados por Marx vê-se a possibilidade de rompimento do caráter natural primitivo de sobrevivência pela mediação que acompanha os objetivos da economia. (MARX, 1867; [1859]).

Finalmente, em Vigotski encontra-se a abordagem da mediação dentro do contexto educacional, no qual o autor explora aspectos em atividades práticas, onde “[...] o processo simples estímulo-resposta é substituído por um ato complexo, mediado [...]” (VYGOTSKY, 1991, p. 30), o permitindo chegar a avaliações de atividades educativas onde, por exemplo, a criança: “[...] não dominou a lógica interna de usar um estímulo para mediar a resposta a outro [...]”. Vigotski apresenta a inclusão de estímulos em processos de solução de problemas lógicos com crianças, buscando entender como esses estímulos podem ser úteis para a solução de problemas e planejamento de ações futuras. (VYGOTSKY, 1991, p. 50).

Assume-se neste estudo que a mediação existe no mundo *sine qua non*. Ao assumir essa hipótese, é importante ressaltar a diferença entre mediação e relacionamento. É possível esclarecer nesse momento a importância da busca de um **impacto** ao conceito de mediação. Na mediação observa-se a existência de um 1º elemento: sujeito principal (e não necessariamente individual, que será o foco do ato de mediar); um 2º elemento: problema/exigência/necessidade/conflito/desejo (dependendo do contexto envolvido), aliados a um 3º elemento (que figuraria o mediador), estando então esses três elementos envolvidos num processo mediador específico (de informação, de leitura, etc.) que busca um impacto sobre o 2º elemento, e um 4º elemento composto, por assim dizer, que é o produto (não necessariamente físico) mediado propriamente (uma informação, um livro,

etc. com a composição do impacto implícito de seu produtor - o autor do livro, por exemplo). Já num processo de relacionamento, haveria uma via de rotina, sem desejo de interferências, identificadas pela semiótica como o campo da primeiridade.

Na vida cotidiana, a mediação estaria presente como habilidade e sendo, portanto, passível de desenvolvimento. Qual seria então o principal diferencial impulsionador do desenvolvimento da mediação? Entende-se a práxis, enquanto envolvimento social, como impulsionador para tal desenvolvimento, sendo o uso do termo “impulsionar” no intuito de salientar que não haveria uma anulação da mediação sem ela, mas sim restrições no seu potencial.

Como exposto anteriormente, o que se busca não é retrabalhar as vertentes de mediação já utilizadas na área, mas sim encontrar um “ponto de vista” gnosiológico da mediação, para que se possa entender sua abrangência na CI, consolidando suas limitações e possibilidades. Vislumbra-se principalmente encontrar respostas relacionadas a possibilidade de explorar a mediação da leitura de mundo.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa possui natureza qualitativa e caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica com uso da metodologia da Análise Textual Discursiva. Os estudos que buscam debater os conceitos de três autores foram elencados para essa análise: Hegel (visão filosófica), Marx (perspectiva social) e Vigotsky (abordagem psicológica educacional).

Para o desenvolvimento dos pressupostos de mediação, os metadados de pesquisa foram: *mediação* com a variação: AND *Hegel* / AND *Marx* / AND *Vigotski*, em português, espanhol, francês e inglês (havendo tradução dos termos para as respectivas pesquisas nas diferentes línguas), e com filtro nas áreas de *Ciência da Informação*, *Filosofia* e *Educação*. As pesquisas centraram-se nas bases de dados: Portal Capes, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) e *E-prints in library and information science* (e-LiS).

Recuperou-se um total de 25 textos e, após um estudo qualitativo inicial, alguns foram retirados da amostra porque não continham nenhum trecho que esclarecesse o conceito abordado e outros, por sua vez, trabalhavam os conceitos na abordagem de mais de um autor e, por isso, foram usados na composição de mais de uma análise.

Quadro 1: Identificação dos textos utilizados.

GAMA, Zacarias. A categoria da mediação em Hegel, Marx e Gramsci: para suprimir ruídos conceituais. <i>Ciência & Luta de Classes Digital</i> , 47, ano I, v. 2, n. 2, p. 46-55.	TEXTO 1
CABRERA, Thiago. A mediação histórica e a filosofia do direito em Hegel: entre liberdade e necessidade. <i>Lex Humana</i> , 01 December 2012, Vol.4(2), pp.157-168.	TEXTO 2
ASSALONE, Eduardo. La crítica de la mediación hegeliana en el segundo volumen de Enten- Eller (O lo uno o lo otro) de Søren Kierkegaard: ¿una crítica social? <i>Las Torres de Lucca: revista internacional de filosofía política</i> , 2014, Issue 4, p.63-84.	TEXTO 3
UMBELINO, Janaina Damasco. A mediação em Vigotski: reflexões sobre um conceito. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Unicamp, Campinas, 2012. p. 2374-2385.	TEXTO 4
ZANOLLA, Silvia Rosa da Silva. O conceito de mediação em Vigotski e Adorno. <i>Psicol. Soc.</i> , Abr 2012, vol.24, no.1, p.5-14. ISSN 0102-7182.	TEXTO 5
BERNI, Regiane Ibanhez Gimenes. Mediação: o conceito Vygotskyano e suas implicações na prática pedagógica. XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia, 2006. p. 2533-2542.	TEXTO 6
FERNANDES, Júlio Flávio de Figueiredo; CARVALHO, Mauro Giffoni; CAMPOS, Edson Nascimento. Vigotski e Bakhtin: a ação educacional como projeto dialógico de produção de sentido. <i>Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso</i> [2176-4573] yr:2012 vol:7 iss:2 pg:95 -108.	TEXTO 7
PRENKERT, F. Tracing the Roots of Activity Systems Theory An Analysis of the Concept of Mediation. <i>Theory & Psychology</i> , 2010 Oct, Vol.20(5), pp.641-665.	TEXTO 8
SILVA, Silvia Maria Cintra Da; ALMEIDA, Célia Maria de Castro; FERREIRA, Sueli. Apropriação cultural e mediação pedagógica: contribuições de Vigotski na discussão do tema. <i>Psicologia em Estudo</i> , 01 June 2011, Vol.16(2), pp.219-228.	TEXTO 9
NEVES, Barbara Coelho. Formação e orientação: aspectos da mediação no universo da inclusão digital. <i>Inclusão Social</i> , v. 5, n. 1, p. 44-57, 2011 (Revista-ARTIG).	TEXTO 10

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a análise dos dados obtidos foi utilizada a técnica da Análise Textual Discursiva (ATD) – método qualitativo que possibilita a fragmentação e organização de materiais pertinentes a fim de estabelecer um processo que possibilite novas e amplas compreensões de um tema proposto.

A escolha da ATD foi ancorada em sua proposta de proporcionar “duas reconstruções concomitantes: 1. do entendimento da ciência e de seus caminhos de produção; 2. do objeto da pesquisa e de sua compreensão” e na argumentação de que ela “cria espaços de reconstrução, envolvendo-se nisto diversificados elementos, especialmente a compreensão dos modos de produção da ciência e reconstruções de significados de fenômenos investigados”. (MORAES; GLIAZZI, 2006, p. 118).

Para analisar os pressupostos de mediação foram estabelecidas unidades de sentido ao *corpus* analisado, por meio do método indutivo, relacionou-se depois as unidades de sentido em categorias, e a partir disso foi possível construir um metatexto que expõe as compreensões obtidas em cada um dos casos. O objetivo da aplicação foi extrair um quadro descritivo moderno da mediação da informação, com possíveis níveis, significações e aplicações, desenvolvidos a partir das concepções dos autores elencados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES: UMA FENOMENOLOGIA DA MEDIAÇÃO

Inicialmente o estudo foi feito separadamente por autor e, posteriormente, categorias e metatextos foram construídos e utilizados a fim de finalizar a análise proposta por esse trabalho.

O quadro 2 apresenta a aplicação da Análise Textual Discursiva nos textos que apresentaram aspectos da mediação de Hegel:

Quadro 2: Fragmentação de Texto e Estabelecimento de Unidade de Sentido: Hegel.

Texto na íntegra	Fonte	Fragmentação do Texto	Unidades de Sentido
Para Hegel, logo no prefácio de a <i>Fenomenologia do Espírito</i> , a mediação é a passagem de uma situação para outra; "um tornar-se Outro; é uma mediação; mesmo que seja apenas passagem a outra proposição" (1807). O que permite esta passagem é a reflexão sobre si mesmo. Tal passagem é caracterizada pelo apossar-se de dado objeto imediato pela consciência e a mediação "seria sinal de que não se está de posse do objeto mesmo, mas de algo que sofreu alguma influência por parte da consciência" (Govoardi, 2013, p. 43)	texto 1 pág. 48	A mediação é a passagem de uma situação para outra, que permite a reflexão sobre si mesmo caracterizada como o apossar-se de dado objeto imediato pela consciência. Mediação como sinal que não se está de posse do objeto mesmo, mas de algo que sofreu alguma influência por parte da consciência.	Passagem de uma situação para outra. Envolve a autorreflexão, que se caracteriza como o apossar-se do objeto imediato da consciência. Sinal de que se está com posse de algo influenciado pela consciência.
A mediação na perspectiva em que Hegel a situa, tem, portanto, o sentido de "reflexão sobre si mesmo". O ser imediato, o homem somente supera a sua animalidade em um processo constante de construção de conhecimentos, de tornar-se sujeito, em contínuo vir-a-ser-de-si-mesmo. Sucessivas mediações permitem que se produza a si mesmo, que se torne sermovente. No princípio é um ser "essente simples e imediato"; posteriormente, com a reflexão que é capaz de realizar, é o ser mediatizado, diferente e superior ao que existia. Ocorre então a sua passagem de um <i>status</i> para outro. Ele que só lidava com as coisas tal como existiam naturalmente, modifica-se ao observá-las conscientemente, isto é, ao aplicar-se às operações do entendimento produzindo outro nível de consciência para si.	texto 1 pág. 48	Reflexão sobre si mesmo O homem somente supera a sua animalidade em um processo constante de construção de conhecimentos. Sucessivas mediações permitem que se produza a si mesmo. Passagem de ser essente, simples e imediato, com a reflexão que é capaz de realizar, para ser mediatizado, diferente e superior ao que existia. Aplicar-se às operações do entendimento produzindo outro nível de consciência para si.	Autorreflexão. Superação de animalidade com o processo constante de construção de conhecimentos. Evolução.
Ele admite que a sociedade civil é o espaço onde ocorre a mediação entre elementos considerados naturais (o conflito, a luta, a concorrência) de uma	texto 1 pág. 49	Sociedade civil como espaço onde ocorre a mediação entre elementos naturais	Sociedade civil como espaço de mediação.

racionalidade negativa e o aspecto ético-político da racionalidade positiva do Estado.		mediados: conflito, luta, concorrência.	
[...] a mediação é um processo mental, abstrato, e construtor de uma realidade que não é verdadeira [...].	texto 1 pág. 54	Processo mental, abstrato, e construtor de uma realidade que não é verdadeira	Processo mental. Processo abstrato. Processo construtor de uma realidade que não é verdadeira.
Em Hegel, não apenas a relação pertence à coisa, mas também a coisa pertence à relação, e de modo necessário, quer numa, que noutra direção. Assim, a perspectiva hegeliana contrapõe-se frontalmente ao relativismo, que não reconhece senão a imediatidade das relações, ao desautorizar suas mediações como mero conglomerado de imediatos justapostos violenta e ocasionalmente, sem autêntica união, conciliação e integração.	texto 2 pág. 159	Não apenas a relação pertence à coisa, mas também a coisa pertence à relação. Contrapõe-se frontalmente ao relativismo.	Processo recíproco de pertencimento entre relação e coisa. Contraposição ao relativismo.
O sentido do ser só pode estar, então na mediação dos momentos, na dialética ou Liberdade, que é a necessidade do ser de libertar-se de si mesmo, ou melhor, de suas finitudes, assumindo-se apenas como momentos parciais de si, até reconhecer-se em unidade com o Infinito.	texto 2 pág. 160	Mediação dos momentos como sentido do ser. Libertar-se de si mesmo, de suas finitudes, reconhecer-se em unidade com o Infinito.	Sentido. Autolibertação. Reconhecimento com o infinito.
Somos "os mesmos de sempre" mas sempre e de novo recauchutados por tantas e tão variadas mediações, isto é, por passagens de um novo imediato a outro, transições em nossas determinidades (ou características), que muitas vezes parece que toda essa mediação só resultou em esvaziamento, em perda.	texto 2 pág. 160	Passagens de um novo imediato a outro, transições em nossas determinidades (ou características). Muitas vezes parece que toda mediação só resultou em esvaziamento, em perda.	Transição. Perda.
O mediado é mais verdadeiro que o imediato, mas é composto a partir do imediato, e, assim, encontra-se numa certa relação de dependência interna para com ele. A verdade do mediado se perde, no entanto, se as imediatidades nele supressas são esquecidas. A mediação não deve aniquilar a vida do imediato, mas ao contrário, acrescentar-lhe valor e intensidade pela relação com outros imediatos.	texto 2 pág. 161	O mediado é mais verdadeiro que o imediato, mas é composto a partir dele e, assim, encontra-se numa certa relação de dependência interna com ele. A mediação não deve aniquilar a vida do imediato, mas sim acrescentar-lhe valor e intensidade pela relação com outros imediatos.	Mediado mais verdadeiro que o imediato. Mediado construído a partir do imediato. Mediação enquanto relação de agregação e não anulação.
A realidade, aos olhos de Hegel, é estruturada fundamentalmente por mediações.	texto 2 pág. 162	A realidade é estruturada fundamentalmente por mediações.	Fundamenta a realidade.

<p>Em la obra de Hegel el concepto de mediación permite explicar el tránsito y la identificación de los términos considerados contradictorios. La mediación es ese proceso dialéctico por el cual conceptos contradictorios, los "extremos", llegan a identificarse o a "concluirse" uno em otro, por acción de un "término medio" no exterior con respecto a la relación de contradicción. Así, por ejemplo, la singularidad y la universalidad, considerados opuestos absolutos - ya que cada uno puede definirse por la negación del otro - acaban identificándose gracias a la mediación de la particularidad. Porque lo particular se encuentra en la relación inmediata para Hegel tanto con respecto a lo singular como a lo universal, puede ejercer entre ellos una mediación, es decir, establecer un vínculo mediato que supere su oposición.</p>	<p>texto 3 pág. 68</p>	<p>Processo dialético pelo qual conceitos contraditórios (extremos) chegam a identificar-se ou a concluir-se um em outro.</p> <p>Opostos podem estabelecer um vínculo mediato que supere sua oposição.</p>	<p>Processo dialético.</p> <p>Possibilidade de vínculo superando oposição.</p>
--	------------------------	--	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os resultados obtidos na aplicação da Análise Textual Discursiva nos textos que apresentaram aspectos da mediação de Marx são apresentados no quadro 3:

Quadro 3: Fragmentação de Texto e Estabelecimento de Unidade de Sentido: Marx.

Texto na íntegra	Fonte	Fragmentação do Texto	Unidades de Sentido
<p>[...] ele não nega a mediação como reflexão sobre si mesmo, o simples vir-a-se. O criticável para ele é a mediação exclusivamente como atividade cerebral, fechada no ambiente mental e descolada do mundo real. Para Marx, a capacidade de que os homens e as mulheres têm de transformar a natureza está nas mediações que podem fazer diante das coisas que os desafiam.</p>	<p>texto 1 pág. 50</p>	<p>Critica a mediação exclusivamente como atividade cerebral de Hegel</p> <p>A capacidade de que os homens e as mulheres têm de transformar a natureza está nas mediações que podem fazer diante das coisas que os desafiam.</p>	<p>Além da atividade cerebral.</p> <p>Capacidade de transformar a natureza.</p> <p>Mediação para traspasar desafios.</p>
<p>A concepção de mediação marxiana não poderia ser diferente porque o seu mundo é terreno, material e concreto e se opõe ao mundo idealizado do romantismo hegeliano.</p>	<p>texto 1 pág. 50</p>	<p>Acontece no mundo terreno, material e concreto.</p>	<p>Atividade concreta.</p>
<p>[...] [a mediação] decorre das reflexões sobre a concretude do processo de vida, das relações que os seres humanos estabelecem com a natureza e com os seus iguais, em suas relações sociais.</p>	<p>texto 1 pág. 54</p>	<p>Reflexões sobre a concretude do processo de vida e das relações com a natureza e com os seus iguais, em relações sociais.</p>	<p>Reflexões concretas sobre o processo de vida e relações sociais.</p> <p>Reflexões concretas sobre relações com a natureza.</p> <p>Reflexões concretas sobre relações com seus iguais.</p>

A psicologia social marxiana, como área da educação, dialeticamente, encontra espaço em um lugar que até então era reservado à sociologia e à filosofia; a possibilidade de transformação epistemológica de mentalidades, transformação social via apreensão da realidade [...].	texto 5 pág. 6	Possibilidade de transformação epistemológica de mentalidades e transformação social via apreensão da realidade.	Transformação epistemológica de mentalidades. Transformação social pela apreensão da realidade.
--	-------------------	--	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

O quadro 4 apresenta a aplicação da Análise Textual Discursiva nos textos que apresentaram aspectos da mediação de Vygotsky:

Quadro 4: Fragmentação de Texto e Estabelecimento de Unidade de Sentido: Vygotsky.

Texto na íntegra	Fonte	Fragmentação do Texto	Unidades de Sentido
Chamamos a atenção para o importante papel que Vigotski emprega ao uso de instrumentos e signos como elementos mediadores entre os homens, e entre os homens e a natureza. Para o autor, o uso desses recursos são essenciais para a constituição de novas formações psicológicas, e seu uso só foi possível porque o próprio homem, ao produzir sua sobrevivência, produziu e os tornou mais complexos.	texto 4 pág. 2382	Instrumentos e signos como elementos mediadores entre os homens, e entre os homens e a natureza.	Instrumentos e signos mediadores. Mediação entre os homens. Mediação entre os homens e a natureza.
Os signos criados pelos homens permitiram a <i>transformação ativa da natureza do homem</i> , promovendo sua adaptação de maneira ativa, ou seja, ele se adapta, mas também transforma sua atividade, regula sua conduta. O homem é quem cria novas conexões, novos signos externos, que atuam de forma mais complexa na sua atividade psicológica, proporcionando sua mudança, a transformação de sua natureza.	texto 4 pág. 2382	Signos criados pelos homens permitiram a <i>transformação ativa da natureza do homem</i> , promovendo sua adaptação de maneira ativa. O homem é quem cria novas conexões, novos signos externos, que atuam de forma mais complexa na sua atividade psicológica, proporcionando sua mudança e a transformação de sua natureza.	Homem criador de novos signos. Possibilidade de transformação de sua natureza. Criação de signos externos que atuam de forma mais complexa.
[...] Vigotski resgata as ideias de Marx e Engels ao apresentar sua compreensão de que é nas relações sociais, mediadas pela cultura, construída pelo próprio homem, que o fazem se constituir como humano, que lhe imprimem as características especificamente humanas, e lhe permitem produzir novas formas de relações, cada vez mais complexas.	texto 4 pág. 2382	Relações sociais, mediadas pela cultura, construída pelo próprio homem permitem se constituir como humano, lhe imprimem as características especificamente humanas, e lhe permitem produzir novas formas de relações, cada vez mais complexas.	Cultura como mediadora de relações sociais. Possibilidade de produzir relações cada vez mais complexas.
Para Vigotski a mediação pode se caracterizar por duas formas: instrumentos e signos através dos instrumentos, que seriam as ferramentas que modificariam a	texto 4 pág. 2383	Dois caracterizações possíveis para a mediação: instrumentos; e signos através dos instrumentos, como ferramentas que	Mediação como instrumento.

estrutura dos objetos, e teriam a função de "[...] servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade [...]" (Vygotski, 19888, p. 62).		modificaríamos a estrutura dos objetos, como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade.	Mediação como signo através dos instrumentos.	
[...] podemos afirmar que a teoria de Vogotiski enfatiza o caráter mediador da atividade humana. Através da mediação pelos instrumentos criados pelo próprio homem ao longo de sua história, que os seres humanos menos experientes irão se constituindo enquanto homens, enquanto humanos. Não se apropriando de características especificamente humanas e transformando em suas, características gerais que acompanham o desenvolvimento do homem desde seus primórdios, assim como construindo sua própria singularidade.	texto 4 pág. 2384	Enfatiza o caráter mediador da atividade humana. Instrumentos criados pelo próprio homem como mediadores para seres humanos menos experientes se constituírem enquanto humanos, se apropriando delas e construindo sua própria singularidade.	Atividade humana como mediadora. Criação de instrumentos para mediação. Influência social.	
[...] mediação como possibilidade de transformação social na contemporaneidade.	texto 5 pág. 6	Mediação como possibilidade de transformação social na contemporaneidade.	Mediação como transformação social.	
[...] o processo de aprendizagem em estudos de Vigotski [...] revelam a complexidade do conceito de mediação e compõe uma perspectiva dialética, com ênfase nas possibilidades de aquisição do conhecimento advindas da elaboração do conceito de zona de desenvolvimento proximal.	texto 5 pág. 6	A complexidade do conceito de mediação compõe uma perspectiva dialética. Ênfase nas possibilidades de aquisição do conhecimento advindas da elaboração do conceito de zona de desenvolvimento proximal.	Complexidade. Dialética. Conhecimento pela zona de desenvolvimento proximal.	
[...] o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente [...].	texto 5 pág. 6	O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Quando internalizados tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente.	Aprendizado dependente de interação com pessoas e ambiente. Depois de internalizado passa para o desenvolvimento independente.	
Vigotski não abre mão do processo de aprendizagem de acordo com o conceito de mediação para a aquisição de funções superiores [...].	texto 5 pág. 8	Aprendizagem pela mediação para aquisição de funções superiores.	Mediação como significativa na aquisição de funções superiores.	
[...] a mediação cria as possibilidades de reelaboração (recriação) da realidade. Realidade esta estabelecida, segundo o próprio Vigotski, como um elo de ligação em que o signo, a atividade e a consciência interagem socialmente. Imperativamente, a categoria de	texto 5 pág. 8	A mediação cria as possibilidades de reelaboração (recriação) da realidade. Realidade como elo de ligação em que o signo, a atividade e a consciência interagem socialmente.	A mediação cria possibilidades de reelaboração da realidade. Realidade identificada como elo de ligação em	

<p>mediação possibilita a aquisição de funções superiores.</p>			<p>que o signo, a atividade e a consciência interagem socialmente.</p>
<p>[a mediação] É o processo que caracteriza a relação do homem com o mundo e com outros homens. Assim temos I: instrumento; S: sujeito; O: objeto. A mediação é vista como central, pois é nesse processo que as Funções Psicológicas Superiores (FPS) - tipicamente humanas - se desenvolvem. As FPS relacionam-se com ações intencionais - planejamento, memória voluntária, imaginação, enquanto as FPE (funções psicológicas elementares) dizem respeito ao que é biológico, nato, extinto, reflexo.</p>	<p>texto 6 pág. 2539</p>	<p>Mediação como processo que caracteriza a relação do homem com o mundo e com outros homens.</p> <p>No processo de mediação as FPS (Funções Psicológicas Superiores) relacionam-se com ações intencionais - planejamento, memória voluntária, imaginação.</p> <p>As FPE (funções psicológicas elementares) dizem respeito ao que é biológico, nato, extinto, reflexo.</p>	<p>Mediação como processo que caracteriza a relação do homem com o mundo e com outros homens.</p> <p>No processo de mediação as Funções Psicológicas Superiores se desenvolvem, que se relacionam com ações intencionais como planejamento, memória e imaginação.</p>
<p>[...] ZPD (zona proximal de desenvolvimento) [...] Trata-se do espaço de trabalho no qual uma pessoa atua para ampliar os conhecimentos do aprendiz. Para tanto é necessário reconhecer o que o outro pode realizar sem ajuda (ZDR - zona do desenvolvimento real) e o que não pode. O objetivo, então, é que a realização de algo feito na ZPD possa, em breve ser feito na ZDR, buscando a autonomia de atuação dos sujeitos envolvidos.</p>	<p>texto 6 pág. 2539</p>	<p>ZPD (zona proximal de desenvolvimento) é o espaço de trabalho no qual uma pessoa atua para ampliar os conhecimentos do aprendiz.</p> <p>O objetivo é que a realização de algo feito na ZPD possa ser feito na ZDR (zona do desenvolvimento real), buscando a autonomia de atuação dos sujeitos envolvidos.</p>	<p>Objetivo de que se internalize habilidades ampliadas para que elas sejam realizadas de forma autônoma.</p>
<p>Já Vigotski (1991; 2009), em meio às investigações no seio de sua concepção dialética das relações entre o sujeito e o social, entre o individual e o grupal, cunhou a noção de Zona de Desenvolvimento Imediato (ZDI). Não se trata de uma “zona” ideal pela qual se confrontasse abstratamente o vivido e o possível nem de uma concepção reducionista, pela qual se considerasse uma transferência mecânica das capacidades do grupo para capacidades individuais. Quando busca entender o ato de pensar presente em operações como “dedução, compreensão, evolução de noções de mundo, interpretação da causalidade física, o domínio das formas lógicas de pensamento e o domínio da lógica abstrata”.</p> <p>Inversamente ao que se concebia a partir de uma posição naturalizante do pensamento humano, Vigotski vê operações</p>	<p>texto 7 pág. 97- 98</p>	<p>Zona de Desenvolvimento Imediato (ZDI).</p> <p>Busca entender o ato de pensar presente em operações como “dedução, compreensão, evolução de noções de mundo, interpretação da causalidade física, o domínio das formas lógicas de pensamento e o domínio da lógica abstrata”.</p> <p>Inversamente ao que se concebia a partir de uma posição naturalizante do pensamento humano, Vigotski vê operações</p>	<p>Zona de Desenvolvimento Imediato (ZDI) - operações necessariamente constituídas nas relações eu/outro.</p>

causalidade física, o domínio das formas lógicas de pensamento e o domínio da lógica abstrata” (VIGOTSKI, 1991, p.90), inversamente ao que se concebia a partir de uma posição naturalizante do pensamento humano, Vigotski vê operações necessariamente constituídas nas relações eu/outro.		necessariamente constituídas nas relações eu/outro.		
[...] Vigotski concebe uma inusitada teoria do desenvolvimento do pensamento como elemento tensionado pelas aprendizagens às quais os sujeitos são submetidos ao longo da vida, e não o contrário (VIGOTSKI, 2009, p.336).	texto 7 pág. 98	Teoria do desenvolvimento do pensamento como elemento tensionado pelas aprendizagens às quais os sujeitos são submetidos ao longo da vida, e não o contrário.	Pensamento como elemento tensionado pelas aprendizagens às quais os sujeitos são submetidos ao longo da vida.	
One of the most important characteristics of Vygotsky’s works is the idea of <i>mediation</i> (Prenekert, 2006; Roth, 2007). According to Vygotsky (1978), this is the elementary feature characteristic of human consciousness. As a consequence, human activity is seen by activity theorists as mediated through cultural artifacts (Engeström, 1987; Wertsch, 1994). This notion stems from the Vygotskian root model of mediated action (Vygotsky, 1978, p. 40), where humans act on an object <i>through</i> the utilization of tools of various kinds, such as material instruments, signs, language and mental models, and so on.	texto 8 pág. 643	Característica elementar da consciência humana. A atividade humana é mediada por artefatos culturais. No modelo de Vygotsky da ação mediada, os seres humanos atuam sobre um objeto através da utilização de ferramentas de vários tipos, como instrumentos materiais, sinais, linguagem e modelos mentais.	Mediação como característica elementar da consciência humana. A atividade humana é mediada por artefatos culturais. Os humanos atuam sobre um objeto através da utilização de ferramentas de vários tipos, como instrumentos materiais, sinais, linguagem e modelos mentais.	
O professor que atua na ZDP torna-se mediador do conhecimento e da apropriação da produção humana. Ao afirmarmos isso nos reportamos ao processo de mediação, que mereceu especial atenção de Vigotski ao abordar a questão dos instrumentos de trabalho e dos signos na constituição das funções psicológicas superiores. Conforme Vigotski (2000), assim como os instrumentos mudam operações de trabalho, os signos – instrumentos psicológicos – alteram a estrutura psicológica; ou seja, as palavras, os números, os recursos mnemotécnicos, símbolos algébricos, obras de arte, sistemas de escrita, mapas, diagramas, etc., são artefatos sociais que modificam a organização mental humana e ressoam no contexto em que o sujeito	texto 9 pág. 222	O professor que atua na ZDP torna-se mediador do conhecimento e da apropriação da produção humana. Assim como os instrumentos mudam operações de trabalho, os signos – instrumentos psicológicos – alteram a estrutura psicológica. Artefatos sociais modificam a organização mental humana e ressoam no contexto em que o sujeito vive e, portanto são mediadores dos processos psicológicos.	Os instrumentos mudam operações de trabalho, os signos – instrumentos psicológicos – alteram a estrutura psicológica. Mediadores dos processos psicológicos: artefatos sociais que modificam a organização mental humana e ressoam no contexto em que o sujeito vive.	

vive, portanto são mediadores dos processos psicológicos.				
Vigotski destacou, ainda, outra forma de mediação: a que se dá por meio de outra pessoa (Kozulin, 1994, p.116). Como apontamos anteriormente, é na relação com o outro que se constitui o plano interpsicológico do desenvolvimento cultural do indivíduo. Neste sentido, o outro é signo mediador de condutas, gestos, sentimentos e pensamentos, valendo lembrar que toda e qualquer função psicológica superior foi social antes de tornar-se interna ao indivíduo.	texto 9 pág. 222	<p>Outra forma de mediação: a que se dá por meio de outra pessoa.</p> <p>É na relação com o outro que se constitui o plano interpsicológico do desenvolvimento cultural do indivíduo.</p> <p>O outro é signo mediador de condutas, gestos, sentimentos e pensamentos.</p> <p>Toda e qualquer função psicológica superior foi social antes de tornar-se interna ao indivíduo.</p>	<p>O outro (homem) como mediador, como signo.</p> <p>Toda e qualquer função psicológica superior foi social antes de tornar-se interna ao indivíduo</p>	
O conceito de desenvolvimento de Vigotski (2007) possui uma abordagem sócio-histórica, pautada nos constructos marxistas, tendo como ideia central que o ser humano se desenvolve pela interação social, na qual o desenvolvimento cognitivo mantém estreita relação com a aprendizagem. Desse modo, o conceito de mediação vislumbrado nesta perspectiva de inclusão digital é aquele também aceito pelos processos sociopedagógicos viabilizados pelas interações entre um sujeito em aprendizado e outro mais experiente. (VIGOTSKI, 2008).	texto 10 pág. 53	<p>O ser humano se desenvolve pela interação social, na qual o desenvolvimento cognitivo mantém estreita relação com a aprendizagem.</p> <p>Interações entre um sujeito em aprendizado e outro mais experiente.</p>	<p>O ser humano se desenvolve pela interação social.</p> <p>Na interação social o desenvolvimento cognitivo se relaciona estreitamente com a aprendizagem.</p>	

Fonte: Elaborado pelos autores.

De cada uma das análises apresentadas (quadro 2 a 4) foram selecionadas categorias de sentido e foi realizada a construção do metatexto. A seguir serão apresentados os pressupostos identificados após a aplicação da ATD em cada um dos autores (Hegel, Marx e Vygotsky):

Quadro 5 - Metatextos da mediação em Hegel, Marx e Vygotsky.

Autor	Categorias	Metatexto
Hegel	Espaços sociais; Apropriação; Imaterialidade; Influência da consciência; Mudança; Sentido; Reciprocidade; Vinculação.	A mediação na teoria de Hegel demonstra imaterialidade com impacto na materialidade, abarcando espaços sociais e influenciando a apropriação , destacando o impacto desta na consciência, na atribuição de sentidos e nas próprias mudanças evolutivas, não perdendo um movimento recíproco de significação, vinculando signos.
Marx	Apropriação; Imaterialidade; Materialidade; Objetividade; Relações sociais; Superação; e	A mediação na teoria de Marx não abandona os aspectos imateriais de sua influência e apresenta o ressaltar do seu impacto social em contextos materiais , trazendo concepções objetivas de atuação da mediação frente a necessidades de transformação e superação no ambiente e nas relações

	Transformação.	sociais e da importância da apropriação da realidade nesse processo transformador.
Vygotsky	Apropriação; Autotransformação; Complexidade; Cultura como mediação; Cultura; Desenvolvimento; Homem como signo; Humanidade; Imaterialidade; Interação social; Natureza; Objetivação; Reflexão no ambiente; Relação social; Sentido; Significado; Signos; Superação; Transformação; e Vinculação.	Os trabalhos ancorados em Vygotsky apresentam sua teoria de fundamentos psicológicos, imateriais mas reflexivos na materialidade , que priorizam o estudo da mediação no viés do pensamento humano e o seu desenvolvimento , que possibilita a autotransformação , e estabelece zonas que objetivam sua expressão em processos complexos então identificados apenas na natureza humana . Seu trabalho traz a importância das relações sociais e da cultura , e propõe aspectos de desenvolvimento da mediação que proporcionem a superação e transformação, vinculando a mediação com o meio e com a natureza , trabalhando com aspectos de signos, sentidos e significados , apresentando o próprio homem como signo e a cultura como mediação , expressando assim a importância da apropriação frente a interações sociais .

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observou-se, após a junção das análises e construções dos metatextos expostos, que os estudos de mediação demonstram focos diferentes, porém estabelecem relações claras. Os trabalhos ancorados nas teorias dos três autores investigados trazem o foco do conceito da mediação ao desenvolvimento no âmbito imaterial da consciência e do processo cognitivo humano, atribuindo à mediação uma potencialidade em atingir transformação, evolução e/ou superação, ressaltando a importância de espaços sociais (mesmo que em diferentes perspectivas), da apropriação, e dos impactos recíprocos ou reflexivos materiais da mediação (também com diferentes abordagens).

Mantêm-se, assim, e a partir da tríade teórica norteadora básica elencada, o ressaltar de que a mediação se ancora na busca do impacto no desenvolvimento humano, e que esse desenvolvimento é dependente de interações espaço sociais, e que também é reflexivo.

Assim, suspendendo aspectos que independente do contexto surgiriam (como por exemplo influências anteriores e/ou externas ao processo e interferências por sua inerência), e sem analisar aspectos subjetivos (como bem/mal e positivo/negativo), identificou-se essencialmente um processo que exige uma **interação** entre ao menos dois seres, e um fator de **impacto** sobre ao menos um deles, com **reflexão material**. Observa-se que é um fenômeno essencialmente humano, ancorado em aspectos sociais.

Dentro dos padrões situados, alguns questionamentos foram então elencados e respondidos:

1. Retirando o mediador como pessoa que conscientemente busca um impacto em outro, a mediação ocorre? Não.
2. Retirando o mediador materialmente junto ao outro, o processo ainda ocorre? Sim.
3. Retirando a intencionalidade no impacto no desenvolvimento humano, o processo ainda ocorre? Não.

Reaproximando os fatores essenciais com as possíveis subjetividades, na construção inversa que não desconsidera a essência, e aliada à aspectos materiais de apoio à mediação (tecnologias), pode-se desenhar as seguintes possibilidades de interação dentro da concepção geral de mediação:

Figura 1 - Mediação natural.



Fonte: Elaborada pelos autores.

A mediação, porquanto, se diferenciaria do processo de comunicação habitual especialmente por sua complexidade que envolve o impacto que busca exercer no desenvolvimento humano, na “espera” de um resultado específico, e não uma “transmissão” padrão comunicacional, cujo esquema seria, como no modelo de Shannon, a relação de transmissão de uma mensagem entre fonte/transmissor/receptor/destino, com uma preocupação ancorada no recebimento da mensagem propriamente, ainda que passível de análises de fatores externos, ruído etc. Esse salto de complexidade se materializa, seja na expressão social, seja na construção do conhecimento que modifica os envolvidos.

A figura 1 visa explicitar que todo o processo se desenha no viés ideológico que permeia a sociedade na qual ele existe. Num primeiro momento esperava-se a inclusão de aspectos que poderiam ser identificados como **natural** (para interações habituais de relacionamento humano) e **artificiais** (para interações construídas, com uso de **tecnologias**), mas essa polarização foi considerada complementar e não exatamente

determinante no âmbito da essência do fenômeno, podendo ser incluída em aspectos externos de apoio ao processo pois, ainda que fortemente impactantes, não determinam a possibilidade do mesmo.

Os aspectos de ocorrência **direta** (no âmbito de interrelação pessoal entre todos os seres envolvidos) ou **indireta** (quando essa interrelação não acontece) foram incluídos como determinantes porque, diferentemente do natural/artificial, estaria imerso em todos os processos de mediação, uma vez que sempre haverá a possibilidade de imaterialidade no contato entre seres mediador/leitor, independentemente das questões materiais que permeiam a sociedade em questão, e levando em consideração que esse aspecto se repete e não o condiciona, ainda que seja necessário já que a existência do mediador consciente em um plano de fundo foi considerado o principal ponto, e não sua posição física propriamente. O processo, independentemente do “caminho” percorrido, culminaria no desenvolvimento humano (aqui exposto em aspecto neutro quanto a valoração desse impacto frente ao indivíduo e/ou sociedade), e ocorre dentro de aspectos ideológicos do espaço socio-temporal no qual se desenvolve e, por isso, optou-se pelo uso do termo leitor, enquanto exposição da característica construtiva cognitiva expressa no ser “foco”, por assim dizer, do processo.

O processo seria dependente do contexto humano, um fenômeno essencialmente humano e, portanto, impossível de existir a partir de uma concretude antropomórfica, porém sem necessidade de contato imediato com o iniciador do processo, isso é – é possível que o mediador não esteja presente durante o processo, mas não é possível que o processo ocorra sem o mediador.

Espera-se que o aspecto da inconsciência pudesse ser inserido no esquema, porém, o caráter da intencionalidade que o conceito de inconsciência carrega fez com que ele precisasse ser excluído das possibilidades de interação já que, sempre que não há a intenção, várias complexidades que culminariam no objetivo de impacto definido na relação se anulam ou se condicionam ao acaso – aspectos que não se buscava evidenciar.

Num exemplo prático e simplista desse aspecto excluído, analisou-se que seria como um fenômeno de “exercício *versus* alteração na forma física”: uma pessoa que inicia uma rotina de exercícios buscando uma alteração na forma física passa por etapas e influências de rotinas complementares para conseguir ver, de forma material e inegável, uma alteração nesse corpo; já no caso de uma pessoa cuja rotina de exercícios tenha outro objetivo (como uma mudança de rotina, saúde ou ampliação de interações sociais), ainda

é possível inferir que ocorrerão alterações nesse corpo, mas já não no mesmo âmbito do fenômeno anterior, já que nesse caso não se buscava a evidência ou potencialidade desse resultado, deixando-o ao acaso e não como aspecto determinante – a pessoa seguiria com a rotina ainda que não fosse possível uma identificação da mudança corporal expressiva.

Quando o foco do estudo é direcionado para o campo da Ciência da Informação, e atendo-se à mediação da informação como processo complexo, dentro da perspectiva da relação Informação e Sociedade, apresenta-se uma possível exploração do conceito englobando 4 aspectos principais: **mediador**, **protoinformação**, **forma** e **leitor**, didaticamente aqui representados nessa ordem, mas não se prendendo a ela em um processo linear propriamente, ou seja, na prática a ordem dos fatores pode variar e repetir-se. Esses 4 aspectos podem ser explicados/justificados como:

1. O termo **mediador**, para a Ciência da Informação, carrega em si a intencionalidade de exprimir que a mediação constitui uma ação intencional, que ele tem um norteador, e que não pode ser considerado imparcial pois todo agente não pode se dissociar de sua existência enquanto exerce suas atividades profissionais, nem uma instituição pode se dissociar de suas bases culturais, metas e objetivos. Esse profissional pode atuar em diferentes unidades informacionais, e em diferentes setores. A mediação da informação não se prende a setores de atendimento, mas está presente em todas as fases e setores da organização. (OLIVEIRA, 2015; ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2008).
2. O termo **protoinformação** visa sinalizar a importância da apropriação, já que se considera nesse processo que a informação só é informação no momento da apropriação, ou seja, ela se mostra dependente do sujeito e só é assim categorizada (consciente ou inconscientemente) por ele e, portanto, só é possível o trabalho com protoinformações, quais sejam dados consideráveis passíveis de apropriação, de significação. (ALMEIDA JÚNIOR, 2007);
3. O termo **forma** não se prende a questões materiais, mas sim expressa a forma assumida pela mediação, com base na relação protoinformação-leitor que se objetiva, podendo ser expressa em inúmeras variações como, por exemplo, um livro, uma oralidade, um sistema, uma interface, uma apresentação teatral, um prédio, um móvel, etc. O mediador analisará qual a melhor forma que deverá utilizar para promover protoinformações a seus leitores.

4. Finalmente, a escolha do termo **leitor** em substituição a outros mais comumente utilizados na área, como usuário ou frequentador, visa ressaltar que a leitura em sua complexidade está intrinsecamente relacionada à existência humana, não sendo passível, portanto, a ideia de “não leitores”, mas sim leitores de diferentes suportes e aspectos do mundo. Quando uma pessoa tem contato com a forma expressa da mediação, faria então sua leitura, meio pelo qual pode ou não ocorrer a apropriação; a leitura seria então o momento de avaliação e apropriação ou refutação. (OLIVEIRA, 2015).

O entendimento do envolvimento desses quatro pontos de base da mediação da informação na atuação do profissional da área esclarece a abrangência da necessidade de estudos do tema, para que então a prática de mediar possa ser consistente e responsável, pois os pontos perpassam todas as esferas de atuação, e cada um desses aspectos precisam ser considerados na complexidade que carregam.

A falta de diálogo e valorização de todos os aspectos apresentados enquanto complementares justifica porque é tão difícil que a mediação da informação possa ser colocada em prática ética e eficientemente. O mais comumente apresentado são abordagens que priorizam um ou alguns desses aspectos, deixando uma lacuna que pode resultar em problemas como falta de público em unidades informacionais, baixa abrangência ou aspectos de colonização. (OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA, 2015).

Um exemplo prático são centros culturais que, na perspectiva dos profissionais que os planejam e gerenciam, oferecem amplas e modernas bibliotecas, com acervos diversificados e sedutores, e que na prática ficam sem acesso, o que pode ser um indício de que houve uma desconsideração das características culturais das sociedades que desejam atender, bem como da necessidade de adaptação de serviços para tais leitores. (OLIVEIRA, 2014).

Quando se desconsidera a intencionalidade e influência por traz do objetivo da mediação fica mais difícil controlar o quanto esses aspectos influenciarão no resultado. Assumir que o mediador possui impacto, possui subjetividade, o auxilia a lidar com isso, tentando buscar a neutralidade conscientemente em sua atuação. (ILHARCO, 2003).

Quando se entende o mundo do leitor e tenta-se estabelecer uma negociação entre as culturas envolvidas, num processo construtivo e não de exclusão, têm-se a possibilidade de trabalhar a mediação em sua ampla complexidade e ética, criando novos

significados e aprendizagens para a área da Ciência da Informação e para a Sociedade, numa construção significativa entre teoria e práxis. (OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA, 2015).

O processo de mediar a leitura escrita nesse âmbito, por exemplo, pode significar a inclusão de pessoas no reconhecimento da leitura escrita como processo habitual, aceitável, e não em sobreposição aos que já utiliza (como a oralidade), a ponto de tal hábito (escrita) ser incorporado culturalmente, tornando-se uma mediação natural, ou seja, o antes leitor que não tinha contato com a leitura escrita pode se tornar o novo mediador de leitura, pois ele poderá entender a importância de ambos os aspectos em sua vida (oralidade e escrita) e, principalmente, que um não deve se sobrepor ao outro, mas complementar-se, podendo então replicar essa nova “realidade” para outros envolvidos em seu círculo social. (SETZER, 2001; BORTOLIN, 2010; FREIRE, 2005; ALMEIDA JÚNIOR, 2007).

A mediação da informação, em sua complexidade, não possui um fim propriamente, e por isso a simples ideia de transposição precisa ser questionada, pois seu objetivo na apropriação da informação e construção do conhecimento segue caminhos pela busca de um pensamento complexo, iniciando uma corrente de novos questionamentos, e não finalização de questionamentos – é um descobrir e ampliar, e não um simples questionar e responder.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Objetivo Geral deste trabalho foi analisar aspectos da natureza da mediação sob uma visão fenomenológica, buscando identificar e entender o momento em que o processo da mediação inicia e como se perpetua em diferentes realidades complexas.

Quanto a isso, conclui-se que, a partir das concepções estudadas: Hegel (numa perspectiva filosófica), Marx (social) e Vygotsky (psicológica educacional), apresentadas e discutidas, identificou-se que a atividade de mediar ancora-se na busca do impacto no desenvolvimento humano, “trabalhando”, por assim dizer, no âmbito imaterial da consciência e do processo cognitivo humano – ela carrega características de transformação, evolução e/ou superação, ressaltando a importância de espaços sociais (mesmo que em diferentes perspectivas), da apropriação, e dos impactos recíprocos ou reflexivos materiais da mediação (também com diferentes abordagens).

Portanto, pode-se considerar que a intencionalidade é um ponto de partida para a mediação e assim, também uma condição para que um fenômeno seja considerado uma propriamente uma mediação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira dos (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. v. 1, p. 33-45.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; BORTOLIN, S. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, Terezinha Elizabeth da (Org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008. p. 67-86.
- BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista de Marília, 2010.
- BRAGA, W. D. Mediação e processos de compreensão intersubjetiva das representações sociais do Trabalho. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. A02, 2004.
- COLTRO, A. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 11, p. 37-45, 2000. Disponível em: http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/fenomenologia_modernida_de.pdf. Acesso em: 15 ago. 2019.
- DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia**. 8. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2003.
- DÍAZ, Carlos. **Introducción a la fenomenología**. Madrid: Ed. Zero, 1973.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GALEFFI, D. A. O que é isto – a fenomenologia de Husserl? **Ideação**, Feira de Santana, n. 5, p. 13-36, jan./jun. 2000.
- GALLAGHER, S. Taking stock of phenomenology futures. **Southern Journal of Philosophy**, Memphis, v. 50, n. 2, 304–318, 2012.
- GARCIA, S. R. R. **Um estudo do termo mediação na teoria da modificabilidade cognitiva estrutural de Feuerstein à luz da abordagem sócio-histórica de Vygotsky: um estudo teórico**. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Marcos, São Paulo, 2004.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. [1807]. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2289. Acesso em: 20 set. 2020.
- _____. **Filosofy of History**. Kitchener: Batoche Books, 2001.
- HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições 70, 2008.
- _____. **The idea of phenomenology**. Boston: Kur Academic Pulshs, 1999. Volume VIII
- ILHARCO, F. **Filosofia da informação: uma introdução como fundação da acção, da comunicação e da decisão**. Lisboa: Universidade Católica, 2003.
- MARX, K. O Capital: livro 1. [1867]. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=4360. Acesso em: 21 set. 2020.

MARX, K. Para uma crítica da economia política. [1859]. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2285. Acesso em: 21 set. 2020.

MARTINS, O. B.; MOSER, A. Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 7, n. 13, p. 8-28, 2012.

MORAES, R.; GLIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas facetas. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

OLIVEIRA, A. L. **A negociação cultural**: um novo paradigma para a mediação e a apropriação da cultura escrita. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O. Breves considerações a respeito da fenomenologia e do método fenomenológico. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, v. 7, n. 7, 2008.

OLIVEIRA, H. C. C. **A mediação em projetos de incentivo à leitura**: a apropriação da informação para construção do conhecimento e do pensamento crítico. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2015.

SCHUTZ, A. S. **Phenomenology and Social Relations**. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

SETZER, V. W. **Os meios eletrônicos e a educação**: uma visão alternativa. São Paulo: Escrituras, 2001.

SILVA, C. R.; SILVA, L. F.; MARTINS, S. T. F. Marx, ciência e educação: a práxis transformadora como mediação para a produção do conhecimento. **Educação e Marxismo**, Bauru, v. 1, n. 1, p. 7-18, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.

ZLATEV, J. Phenomenology and Cognitive Linguistics. In: GALLAGHER, Shaun; SCHMICKING, Dan (Ed.) **Handbook on Phenomenology and Cognitive Science**. Dordrecht: Springer, 2009. p. 415-446.